

O resgate da empatia

Suporte psicológico
ao luto não reconhecido

GABRIELA CASELLATO
(ORG.)



O RESGATE DA EMPATIA
Suporte psicológico ao luto não reconhecido
Copyright © 2015 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Michelle Neris**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**
Capa: **Alberto Mateus**
Imagem de capa: **políptico “Os cabides de meu pai”,
de André Penteadó**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
1. LUTO NÃO RECONHECIDO: O FRACASSO DA EMPATIA NOS TEMPOS MODERNOS	15
Gabriela Casellato	
2. O PROCESSO DE LUTO NA MATERNIDADE PREMATURA	29
Valéria Tinoco	
3. AS PERDAS AMBÍGUAS E A INFIDELIDADE CONJUGAL	49
Ana Cristina Costa Figueiredo Rosane Mantilla de Souza	
4. APOSENTADORIAS MASCULINAS E PERDAS AMBÍGUAS	71
Rosane Mantilla de Souza Plínio de Almeida Maciel Jr.	
5. LUTO POR PERDA DE ANIMAL	91
Déria de Oliveira Maria Helena Pereira Franco	
6. NA TRILHA DO SILÊNCIO: MÚLTIPLOS DESAFIOS DO LUTO POR SUICÍDIO	111
Daniela Reis e Silva	

7. ONDE ESTÁ VOCÊ AGORA ALÉM DE AQUI, DENTRO DE MIM? O LUTO DAS MÃES DE CRIANÇAS DESAPARECIDAS	129
Sandra Rodrigues de Oliveira	
8. O LUTO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE: A VISÃO DO PSICÓLOGO	155
Regina Liberato	
9. A MORTE E O LUTO: A SENSIBILIDADE DE UMA ENFERMEIRA	183
Regina Szylit Bousso	
10. A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE LUTOS NÃO SANCIONADOS	203
Cristiane Ferraz Prade	
11. A TEORIA DO APEGO E OS TRANSTORNOS MENTAIS DO LUTO NÃO RECONHECIDO	217
Maria Helena Pereira Franco	
12. INTERVENÇÕES CLÍNICAS EM SITUAÇÃO DE LUTO NÃO RECONHECIDO: ESTRATÉGIAS ESPECÍFICAS	229
Gabriela Casellato	
REFLEXÕES FINAIS	251
Gabriela Casellato	
SERVIÇOS FOCADOS EM SITUAÇÕES DE LUTO NO BRASIL	255

Apresentação

PASSARAM-SE DEZ ANOS DESDE a publicação de um livro inaugural sobre o tema desta obra – *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutado e sociedade*¹. Desde então, algumas mudanças e avanços ocorreram em nossa sociedade no enfrentamento e na comunicação acerca do tema da morte e do luto. Tais conquistas se devem não só ao confronto com a realidade – em especial, diante do aumento das mortes trágicas e coletivas –, mas também ao processo de educação para a morte, que cresceu significativamente no país, seja por meio da mídia, dos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos a profissionais de educação e de saúde, publicações ou tantas outras formas de diálogo com a sociedade ou pela capacitação dos cuidadores.

Estatísticas recentes² mostram que, entre 2004 e 2007, o número de assassinatos no Brasil foi maior que as baixas dos 12 maiores conflitos armados pelo mundo nessa mesma época. Nesse período, 192.804 pessoas foram assassinadas a tiros no Brasil, enquanto as guerras provocaram a morte de 169.574 pessoas. Esses números não só impressionam como nos alertam para a banalização dessas perdas trágicas em nosso país. Enquanto a sociedade americana e tantas outras europeias se organizam em parceria com os governos em busca de legitimar a dor e o significado dessas per-

1. Casellato, G. *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Campinas: Livro Pleno, 2005.

2. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

das – não só na esfera material, mas também com ações psicossociais, em especial inúmeros rituais de despedida e memoriais construídos –, em nossa sociedade é ainda incipiente o cuidado que a sociedade tem com seus mortos e enlutados.

Vale lembrar que, se mencionamos perdas coletivas e trágicas, que tanto chamam a atenção da mídia e provocam prejuízos para as comunidades e perdas econômicas para cidades ou para o país, o descuido é ainda maior quando se trata de perdas desvalorizadas socialmente.

As transformações positivas que observamos nesta última década foram pontuais e mobilizadas por setores específicos de nossa sociedade. Para ilustrar, cito a mudança da legislação acerca dos direitos ao registro civil e de óbito dos natimortos.

Em 2005, quando da publicação de nosso primeiro livro, chamamos a atenção para essa questão e enfocamos o incremento do risco no enfrentamento do luto parental diante da impossibilidade de registrar o óbito do filho natimorto com o próprio nome, mas apenas em nome do genitor. Desde então, outros tantos profissionais da área da saúde e da área jurídica também se mobilizaram em torno de mudanças quanto à forma de encarar essa questão. No ano de 2013, foi aprovado na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei n. 5.171/13, que dá aos pais enlutados o direito de dar o nome e sobrenome ao natimorto em seu registro civil³.

Assim, ações que visam ventilar tais assuntos, como pretendemos nesta obra, reafirmam sua função educativa e transformadora que propicia à comunidade condições de prevenção por meio do conhecimento e de validação e suporte aos enlutados nas mais diversas condições sociais e culturais e nas mais adversas situações de perda e luto.

E é por estarmos comprometidos com esse desafio que entendemos que outros temas correlatos mereciam um espaço de aprofun-

3. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=568302>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

damento e esclarecimento sobre suas especificidades e condições. Obviamente, outros tantos temas também merecem destaque, e pretendemos realizar e incentivar outras publicações explorando outras dores silenciosas/silenciadas. Os critérios dos temas escolhidos para este volume devem-se exclusivamente à aproximação com outros colegas da área da saúde que desenvolvem projetos e intervenções importantíssimos relacionados ao tema do luto não sancionado.

No primeiro capítulo, fiz uma nova revisão do que vem sendo estudado sobre o conceito e aprofundi alguns aspectos desse fenômeno. Destacaram-se as diferentes dimensões de não sancionamento e a intersecção entre o mundo psíquico e o contexto cultural dos lutos não sancionados.

Em seguida, Valéria Tinoco expõe o tema da prematuridade e as especificidades de um luto sufocado pela urgência dos cuidados maternos com um bebê que nasce em condições de maior vulnerabilidade ou, em alguns casos, com risco de não sobreviver. A autora destaca as consequências desse luto silencioso ou mascarado para o desenvolvimento do sistema de cuidados e a vinculação da mãe com o bebê.

Outra experiência ambígua e estigmatizada é a infidelidade conjugal. Ana Cristina Costa Figueiredo e Rosane Mantilla convidam o leitor a mergulhar nas especificidades desse fenômeno e do processo de luto inerente, sob o enfoque feminino e dando destaque aos relacionamentos de longa duração.

Ainda olhando para as tramas e dramas familiares, Rosane Mantilla de Souza e Plínio de Almeida Maciel Jr. deram voz ao luto de inúmeros homens que enfrentaram ou estão enfrentando a aposentadoria, seja ela compulsória ou planejada. Os autores iluminam as diversas perdas inerentes e secundárias ao tema e suas consequências para o envelhecimento masculino.

E, falando de vínculos pouco valorizados, a relação com os animais de estimação, em especial em comunidades urbanas, é um fenômeno social que passou a ser um tema de interesse da psicologia. Ainda que alguns insistam em patologizar o forte

vínculo que se estabelece entre humanos e animais nos dias de hoje, fato é que tais relações passaram a compor o cenário das famílias contemporâneas, com o animal exercendo um papel importante na vida de muitas delas. Sendo assim, sua perda também não pode ser banalizada, e Déria de Oliveira e Maria Helena Pereira Franco tratam o assunto de forma profunda, fazendo uma revisão histórica e contextualizando esse luto.

Lutos não reconhecidos são frequentemente observados em situações estigmatizadas, e podemos afirmar que uma das mais complexas refere-se às perdas por suicídio. Daniela Reis e Silva trilhou esse caminho desafiador e apresenta-nos uma complexa análise dos fatores que envolvem essa perda no contexto familiar e todos os fatores de risco inerentes.

Em seguida, Sandra Rodrigues de Oliveira trata da ambiguidade presente no desaparecimento de crianças, dando enfoque ao luto materno nesse contexto, por meio dos resultados encontrados em sua tese de doutorado.

Outros dois capítulos exploram o luto de cuidadores profissionais. Regina Liberato expõe com profunda sensibilidade aspectos teóricos e vivenciais em torno de sua trajetória como psicóloga e ser humano. Sua poesia, estratégia tão eficiente para enfrentar a vida, também nos facilitou a possibilidade de olhar um pouco mais de perto a dor de quem cuida da dor. Logo depois, Regina Bousso enriquece-nos ao compartilhar sua trajetória como enfermeira e suas experiências acerca da morte e do luto. Desde já, tenho a necessidade de agradecer a todos os autores, e em especial às duas últimas, pela sensibilidade e coragem de dividir suas experiências até então pessoais, normalmente negligenciadas e abafadas por outros profissionais – que, ao lê-las, espero que se sintam encorajados a fazer o mesmo.

Aproveito para agradecer ao fotógrafo André Penteado, criador da foto da capa deste livro, e explicar que ela faz parte de um projeto denominado O Suicídio do Meu Pai. De forma corajosa e sensível, André usou a fotografia como forma de lidar com seu próprio luto

e, posteriormente, publicou todo o ensaio realizado após a morte de seu pai, visando também à comunicação aberta sobre um tema tão estigmatizado e, por isso, silenciado, com elegância e maturidade.

Neste volume também consideramos a importância de oferecer subsídios e estratégias para intervenções psicológicas ou psicossociais com pessoas que estejam enfrentando lutos não sancionados. Por essa razão, convidei Cristiane Ferraz Prade para compartilhar sua significativa experiência na arteterapia com enlutados. Sua contribuição é extremamente rica e convidativa não só aos profissionais como aos pacientes.

Maria Helena Pereira Franco, colega e mestra de tantos anos, oferece uma delicada reflexão acerca dos transtornos psiquiátricos em decorrência de lutos não reconhecidos, tendo como fundamentação a teoria do apego. Sua leitura facilita nossa compreensão a respeito da influência que a formação dos nossos vínculos tem sobre a sua ruptura e, conseqüentemente, sobre o luto que se segue.

Por fim, trago uma reflexão sobre as especificidades da psicodinâmica de um luto não franqueado e discuto algumas intervenções específicas para o atendimento psicológico em diferentes contextos e *settings*. Para tanto, faz-se necessário o esclarecimento a quem, quando, como e por que oferecer suporte psicológico.

Logo após as considerações finais sobre o material aqui compilado, fornecemos uma lista de serviços de atendimento psicológico para enlutados no Brasil. As referências obviamente não esgotam todos os serviços existentes em nosso território, mas representam os serviços com os quais de alguma forma temos proximidade, seja em sua constituição, formando seus profissionais por meio do 4 Estações Instituto de Psicologia, ou ainda por experiências profissionais que compartilhamos ao longo dos anos. O objetivo é tornar a ajuda acessível nos mais diferentes cantos de nosso país, para enlutados que surgem aos milhares a cada dia, muitos deles de modo silencioso e vulnerável.

Gabriela Casellato

1 Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos

Gabriela Casellato

ENTRE TANTAS OUTRAS VIVÊNCIAS do ser humano, muitas são as experiências de luto que não são reconhecidas tanto pelo próprio enlutado como pela sociedade, e isso se dá por diversas razões.

Reconhecer implica admitir algo como verdadeiro ou real e, quando não o fazemos, é por ignorarmos sua existência, por sua ambiguidade ou, ainda, por nos defendermos da emoção ou das consequências que sua existência nos provoca. A maioria das situações de lutos não reconhecidos observadas clinicamente ou por meio de pesquisas acadêmicas realizadas ao longo desta última década (Casellato, 2005; Doka, 2002; Seftel, 2006; Attig, 2004) aponta que, mais frequentemente, observam-se tais fenômenos em situações de perdas ambíguas e em processos psíquicos defensivos associados aos aspectos intersociais e intrapsíquicos de alguns tipos de perda.

No primeiro volume (Casellato, *ibidem*) apresentamos a definição desse conceito desenvolvido por Keneth Doka (1989, 2002) e as cinco principais razões que, segundo o autor, justificam a reação de não franqueamento ou não reconhecimento diante de uma experiência de perda simbólica ou concreta.

O termo “luto não reconhecido” (Doka, 1989; Corr, 2002) é empregado quando a pessoa experiencia uma perda que não pode ser admitida abertamente; o luto não pode ser expresso ou socialmente suportado.

Doka (2002) afirma que o não reconhecimento pode ocorrer quando a sociedade inibe o luto estabelecendo “normas” explícitas